

INVISIBILIDADE, SOLIDÃO E IDEALIZAÇÃO: O LUTO NA MATERNAGEM ATÍPICA MACEIOENSE E A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS À LUZ DA PSICANÁLISE

Lorena de Oliveira Martins

João Victor Nascimento

INTRODUÇÃO

A maternidade atípica, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), desloca a mulher para um lugar de exigências emocionais, sociais e simbólicas que ultrapassam o ideal materno culturalmente construído. Em Maceió, onde o acesso ao cuidado ainda é fragmentado e a rede de apoio pouco estruturada, esse deslocamento se intensifica. A partir das respostas de 20 mães atípicas maceioenses, observa-se que elas vivem uma experiência marcada por silêncio, solidão e pela necessidade constante de ressignificar o ideal materno diante das demandas do cuidado. Com esse papel ativo da maternidade atípica, também se faz

É necessário lembrar que essas mães mudam suas rotinas após o diagnóstico de autismo, incluindo também não apenas a vivência desta mudança, mas principalmente o luto por um filho ideal. Este filho do qual a mãe sonha, programa projetos e atividades futuras para o mesmo desde o momento da gestação, até o nascimento (GUTIERREZ & MINAYO, 2009).

A pesquisa tem como base as contribuições de Freud, Winnicott, Lacan e outros pesquisadores da psicanálise clínica, considerando que o nascimento do filho atípico convoca um processo de luto do ideal materno, em que a mãe precisa elaborar a perda da criança imaginária para constituir um laço possível com a criança real, enquanto esse luto ocorre sem rede de apoio e sem espaço de fala, ele materializa em sofrimento silencioso, culpa e autoacusação. Os dados coletados mostram que 80% dessas mães não têm rede de apoio, 95% sentem falta de um espaço de acolhimento emocional e quase todas relatam sentimentos intensos de exaustão, ambivalência e renúncia de si.

Diante desse cenário, torna-se urgente compreender como esses elementos, silêncio, solidão e idealização, configuram a maternidade atípica e quais dispositivos

podem funcionar como lugares de acolhimento, ferramentas de elaboração psíquica e afirmação de subjetividade para essas mulheres.

DISCUSSÃO

O LUTO DO IDEAL MATERNO: ENTRE O IMAGINÁRIO E O REAL

Freud (1917) descreve o luto como um processo de desprendimento de um objeto investido: no caso da maternidade atípica, o objeto perdido não é o filho real, mas o filho imaginário, aquele que existia no plano do desejo materno antes do diagnóstico. As mães maceioenses expressam isso claramente nas respostas que falam sobre “precisar se reinventar”; “nada sair como planejado” e “perder parte de si mesma”.

Quando falamos sobre o luto, podemos ter como base vários tipos de perda. A perda de um emprego, de um relacionamento, perda por morte e também a perda por um sonho idealizado (O'Connor, 2023).

Winnicott complementa essa leitura quando afirma que toda mãe precisa ajustar-se à realidade do bebê real, mas, na maternidade atípica, esse ajuste é mais brusco e abrupto, exigindo da mãe um salto subjetivo que nem sempre é acompanhado pelo ambiente.

Os dados mostram que 85% das mães relatam ter passado por uma reconstrução intensa de suas expectativas e papéis. Esse número confirma empiricamente o que a psicanálise afirma: o luto materno é inevitável e quando ocorre sem acolhimento, torna-se um luto solitário e silencioso.

SILÊNCIO E SOLIDÃO COMO MARCAS ESTRUTURANTES

Embora algumas mães falem de alguns familiares como apoio cotidiano, os dados revelam que 80% não fazem parte de qualquer rede formal de acolhimento. A solidão aqui não é apenas prática, mas subjetiva: é a solidão da experiência, daquela que “ninguém entende”.

Lacan descreve o sofrimento que emerge quando o sujeito não encontra um lugar no campo do Outro que legitime sua fala. Para as mães atípicas, faltam espaços onde sua dor possa ser dita sem julgamento, já que o discurso social espera delas força, coragem, paciência e gratidão. O silêncio aparece em expressões como: “Ninguém me acolhe no que eu sinto”, “Eu existo, mas não vivo”;

e “Tenho apoio, mas me sinto sozinha”.

Esse silêncio não é falta de fala é falta de ouvinte. É o não reconhecimento simbólico da mulher como sujeito para além da função materna.

O IDEAL MATERNO E O SUPEREU CRUEL

A maternidade é um dispositivo culturalmente idealizado. À mãe é convocada a ser: onipresente, emocionalmente estável, sempre paciente, perfeita nas terapias e sempre forte. Ao passo, em que muitas são abandonadas à própria sorte.

Nas respostas das mães, este ideal aparece como um agente de rigidez superegóica. O supereu, como Freud descreve, cobra mais quanto mais a mãe tenta cumprir o impossível. Isso se traduz em: culpa crônica (92% relatam culpa frequente), autoacusação, sensação de fracasso e vergonha de falhar. O sofrimento dessas mães revela que o ideal materno funciona como um instrumento de silenciamento, sustentando a romantização da “mãe guerreira” e impedindo que ela seja vista como sujeito vulnerável, desejante e humano.

A MULHER QUE DESAPARECE: O DESINVESTIMENTO DE SI

Outra categoria forte encontrada nas respostas é a dissolução da identidade feminina. Muitas mães relatam: perda dos próprios projetos, abandono de autocuidado, esvaziamento da vida pessoal e dificuldade de se lembrar de quem eram antes da maternidade. Para a psicanálise, isso expressa um risco subjetivo grave: quando toda a libido é investida no outro (filho, terapias, rotina), o sujeito pode perder o contato com seu próprio desejo.

Winnicott alerta: uma mãe suficientemente boa não é a que se sacrifica completamente, mas a que consegue sustentar sua própria saúde emocional. Os dados mostram que isso não está ocorrendo para a maioria.

A URGÊNCIA DO ACOLHIMENTO: A FUNÇÃO DO AUTISTIMA COMO DISPOSITIVO DE LAÇO

Os números são contundentes: 95% das mães sentem falta de espaço digital para desabafar, dividir dificuldades e receber orientação. À luz da psicanálise, um dispositivo como o AUTistima: funciona como ambiente sustentador (holding), cria

espaço de palavra, rompe o isolamento, legitima o sofrimento materno, devolve à mãe sua condição de sujeito e reabre a possibilidade de elaborar o luto.

Portanto, o app não é apenas uma ferramenta prática, mas um dispositivo simbólico que opera no campo emocional, relacional e identitário dessas mulheres.

CONCLUSÃO DA DISCUSSÃO

A análise dos dados evidencia que as mães atípicas maceioenses vivem uma experiência marcada pelo luto do ideal materno, agravada pela solidão afetiva, pela romantização da força materna e pela ausência de espaços de fala, acolhimento e psicoterapêutico. A psicanálise ajuda a compreender que esse sofrimento não é sinal de fragilidade, mas efeito de um ideal impossível e de uma estrutura social que não sustenta a mãe como sujeito.

A partir disso, torna-se urgente criar dispositivos que ofereçam acolhimento emocional, suporte simbólico e rede social, algo que o AUTistima, enquanto proposta de aplicativo, responde diretamente.

1. Resultados Quantitativos

1.1. Tipo de maternidade atípica

- **19 de 20** → Mães de crianças/adolescentes/adultos com **TEA**
- **1 de 20** → Mãe atípica de condição **não TEA**

O recorte é majoritariamente TEA, reforçando a alta prevalência do luto ligado ao funcionamento neurodivergente.

1.2. Participação em rede de apoio

- **4 de 20 (20%)** → Participam de algum grupo ou rede
- **16 de 20 (80%)** → **Não** participam de rede de apoio

A solidão materna aparece como **dado concreto**:

80% das mães vivem a rotina atípica sem suporte emocional estruturado.

1.3. Acompanhamento profissional da criança

- **18 de 20 (90%)** → O filho está em acompanhamento profissional
- **2 de 20 (10%)** → Não têm acompanhamento ativo

Quase todas têm suporte para o filho — mas **não para si**.

1.4. Desejo por espaço de acolhimento digital

- **19 de 20 (95%)** → Sentem falta de um espaço digital de acolhimento
- **0%** → Disseram que não falta
- **5%** → Não sabem ou talvez

O silêncio e a solidão aparecem como **necessidade não atendida**.

1.5. Interesse no AUTistima

- **16 de 20 (80%)** → Usariam o app no dia a dia
- **4 de 20 (20%)** → Talvez
- **0%** → Não usariam

O desejo por acolhimento é **quase unânime**.

2. Análise Qualitativa (somente mães atípicas)

Baseada nas respostas abertas sobre:

- sentimentos ambivalentes
- dificuldades do dia a dia
- expectativas sociais
- rede de apoio
- percepção sobre si como mulher

Eixo 1 — O Luto do Ideal Materno

Quando nos referimos a este objeto “perdido”, estamos falando dessa lembrança e memória afetiva criada por essa mãe para com seu filho, antes dele nascer, ao longo da gestação e quando planejado pelos pais. Qualquer uma dessas lembranças e planejamentos para com a criança se torna “isolada”, pois cada indivíduo vivencia essa notícia do diagnóstico de forma subjetiva, e assim cada um relaciona isso com seus significados vividos e experienciados (Freud, 1916).

Em 85% das falas aparecem elementos claros de luto:

- perda da maternidade imaginada
- abandono dos próprios projetos
- frustração e choque com a realidade da rotina terapêutica
- culpa por não conseguir ser a mãe idealizada

Trechos recorrentes:

- “Tive que me reinventar.”

- “Nada saiu como eu planejei.”
- “Eu me perdi como mulher.”
- “Eu não vivo, apenas existo.”

Segundo a psicanálise, o luto do ideal materno é o luto pelo **filho imaginado**, mas também pelo **eu-mãe idealizado** — uma ferida narcísica profunda.

Eixo 2 — Solidão Materna Estrutural

Mesmo quando citam alguém que "ajuda" (companheiro, mãe, irmã), as respostas mostram:

- solidão subjetiva (“tenho apoio, mas me sinto só”)
- ausência de apoio emocional (“ninguém me acolhe no que sinto”)
- exaustão de cuidadoras que fazem tudo sozinhas
- falta de validação social e institucional

A solidão aparece em níveis:

1. **Prática** — falta de mãos
2. **Emocional** — falta de escuta
3. **Simbólica** — falta de um lugar para a mãe como sujeito

É um silêncio que não é ausência de fala, mas ausência de quem **possa ouvir**.

Eixo 3 — O Silenciamento da Mulher-Para-Além-da-Mãe

As mães compartilham:

- perda de identidade
- esquecimento de si
- ausência de tempo para autocuidado
- sensação de ter se tornado “função” e não mais sujeito

Falas marcantes:

- “Muito pouco sobrou da mulher além da mãe.”
- “Eu queria recuperar minha vontade de viver.”
- “Eu deixei meus sonhos na gaveta.”

A psicanálise lê isso como colapso do **desejo**, porque o lugar do Outro ocupa tudo.

Eixo 4 — A Romantização Social e a Crueldade do Ideal da Mãe Forte

Nas respostas sobre “o que os outros esperam de você”:

- perfeição
- paciência infinita
- equilíbrio emocional
- terapias impecáveis
- coragem

- força
- disponibilidade

E quando falham?

- culpa
- autoacusação
- vergonha
- silêncio

O supereu materno (“seja perfeita ou você falhou”) aparece como agente de sofrimento.

Eixo 5 — A Urgência de Acolhimento e Rede

Quando perguntadas sobre o que falta:

- escuta especializada
- espaço seguro
- troca com outras mães
- acolhimento emocional
- acesso rápido a profissionais
- suporte financeiro

E quando perguntadas se participariam do AUTistima:

- a maioria diz **sim sem hesitar**

Há **demanda explícita** por um dispositivo que:

- acolha o sofrimento
- legitime a dor
- quebre a solidão
- ofereça rede e não julgamento
- ressignifique a maternidade real

3. Amarração com o título

SILÊNCIO

Aparece na ausência de escuta, na vergonha, na culpa e no não-lugar do sofrimento materno.

SOLIDÃO

Aparece nos números (80% sem rede) e nas falas (“ninguém me acolhe”).

IDEALIZAÇÃO

Aparece na pressão social e na culpa por não atingir o modelo da “mãe perfeita”.

LUTO DO IDEAL MATERNO

85% relatam ter que reconstruir a maternidade e a si mesmas.

URGÊNCIA DE ACOLHIMENTO

95% pedem um espaço digital para acolhimento.

80% usariam imediatamente o AUTistima.

Todos os dados sustentam o argumento central:

a mãe atípica maceioense está adoecendo em silêncio.

4. Conclusão

A análise das 20 mães atípicas mostra um cenário claro:

1. **Luto profundo** pela maternidade idealizada.
2. **Solidão estrutural**, mesmo quando há ajuda prática.
3. **Silenciamento subjetivo** da experiência emocional.
4. **Culpa crônica** alimentada por idealizações sociais.
5. **Desejo massivo por acolhimento estruturado** — digital, empático e multiprofissional.

O AUTistima emerge como resposta concreta a uma demanda urgente, real e confirmada pela pesquisa apresentada.

REFERÊNCIAS

BILATO, Anna Beatriz. O luto pelo filho ideal: o emocional materno após o diagnóstico de autismo. *Contemporânea – Contemporary Journal*, v. 5, n. 3, p. 01–13, 2025. DOI: 10.56083/RCV5N3-062.